

## A dupla ausência, romance de Magda Medeiros

### A que ficou para trás

Teresa Montavena Rosso

Mãe: Regina Montavena Rosso

Pai: desconhecido

Desde pequena, percebi que não era como as outras crianças. O meu pai não morava conosco nem nos visitava, não lembro quantos anos tinha quando a mamãe me disse que ele nunca viria. Foi assim que descobri que existe uma coisa no mundo que leva as pessoas embora para sempre. Eu entregava os cartões do Dia dos Pais para o tio João, perdi as contas das vezes em que pedi que ele fosse o meu pai, quem sabe a história de ser irmão de mamãe não fosse tudo uma invenção. Ele surgia do meu lado com o seu andar arqueado, vieni qua Teresina mia, entre tantos Tetê, Têre, Têca, Tê, Teresinha, o que mais me adoçava era este Teresina mia, eu corria para o seu colo, deliciada com o seu falar carregado e rápido. Às vezes ele se juntava com os meus outros tios e conversavam naquela língua estranha, nunca escutei a minha mãe pronunciar uma sílaba estrangeira, assim como poucas vezes a vi rezar. Dizia que já tinha rezado o bastante, pagado todos os pecados e quem sabe até os dos outros, não faltava à missa para não cair na boca do povo.

Nasci de sete meses. Minha mãe voltou para casa e eu fiquei no hospital, falavam que eu não ia me criar, um tiquinho de gente, só berrava. Ela estava num ponto em que já esperava o pior, decerto eu também iria abandoná-la, mas a teimosia nasceu comigo e eu a surpreendi. Surpreendi de várias maneiras, na verdade. Nasci entre mortes, carregando a de minha nonna e a do meu pai e, como a morte vinha a cavalo para a dona Regina, quando mal teve tempo de se recuperar, a sua coleção de cicatrizes aumentou com a do meu nonno. Ela me contou que eu nem falava direito quando ele se foi.

Nino Segundo estava bem idoso e a doença ruim o alcançou, era assim que mamãe a chamava: doença ruim. Nada de repetir o nome e sobrenome das enciclopédias para esta doença desgraçada. Nada disso para este inimigo silencioso que se multiplica, quanto mais se diz, mais toma força e se espalha no mundo. Morte de passarinho, me explicou, a vontade era soprar no seu peito como ele fazia nas avezinhas fracas, só que o nonno voou para outro lugar: — O meu pai também voou, mamãe? — Sim. — E encerrava por ali, nada de frases para o meu papai.

[...]